



Director literario:
Antonio Campa
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

Director artistico:
Eduardo Malta
 PAPUSSE

OS CIGANOS

 The title 'OS CIGANOS' is written in a large, stylized, black font. On the left, a woman's face with long braids and a leopard-print top is shown. On the right, a man's face with a beard and a cap is shown. The background behind the text is a decorative, wavy pattern.

NOVELA INFANTIL

POR JOAO DA SELVA

DESENHOS de EDUARDO MALTA

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)



ESPERAMOS contudo que êle consiga fazer por nós o que nós não foi possível fazer por êle e, juntando o seu mágico poder ao meu, reunir de novo, na nossa pátria distante, o povo cigano disperso pelo mundo. Se fores capaz de encontrar o meu marido e guiá-lo até aqui, prometo perdoar a teu pai e sair do reino sem molestar ninguém da tua raça.

O príncipe mostrou-se resolvido a tudo tentar para êsse

fim e perguntou à rainha cigana de que maneira havia de dar-se a conhecer ao marido no caso de o encontrar e como provar-lhe que vinha do mando dela.

— Na borda do lago acharás amanhã a esta hora um anel que lhe mostrarás, respondeu a voz. Essa joia, só por si, não vale quasi nada, mas em contacto com outra igual que meu marido usa, dá-nos um poder mágico maravilhoso e uma autoridade absoluta sobre o nosso povo. Quando tiveres encontrado o rei dos ciganos, mostra-lhe o anel e aperta a sua mão na tua. Feito isto, não haverá prisão que possa prendê-lo, mas capaz de o afogar, perigo algum, final-



(Continua na pagina 4)



HISTÓRIA do PRÍNCIPE SAPO

Por VENTOINHA
Desenhos de E. MALTA

LINDA Princesinha
Brinca no jardim,
Com bolinha d'oiro,
D'oiro e de marfim.

Uma vez no tanque
A bolinha cai;
Do jardim, chorando,
A Princesa sai,

Ao ir para casa,
Ao pé dum chorão,
Encontrou— (que medo!)—
Um velho sapão!

— «O' menina, dize:
Que estás a chorar?!...»
Queres que a bolinha
Eu te vá buscar?»

«Para isso tens
De deixar comer
No teu prato d'oiro
Côm tua colher.»

«E no teu copinho
Beber a àguinha
E à noite dormir
Na tua caminha»

— «O' sapinho eu deixo
Tudo o que pedires,
Desde que a bolinha
Lá do tanque tires.»

O sapinho logo
Deitou a saltar
Direitinho ao lago
Para a ir buscar.

Assim que a Princesa
A bola apanhou,
Deitou a correr
E o sapo deixou.

Entra no palácio,
Toda contentinha,
E vai para a mesa
Comer a sopinha.

Mas batem à porta
E quem há-de entrar?!
Dom Sapo-Sapão
Justiça a bradar.

Ao pé da Princesa,
Ele se sentou ;
Mas esta zangada
Embora o mandou.

O pai que sabia
Do acontecido,
Zangado lhe diz:
— «Princesa é devido!»

Emfim a Princesa
Lá se resolveu ;
No pratinho d'ouro
De meias comeu.

São horas da deita ;
Lá se vão os dois...!
Príncezinha à frente,
Sapinho depois.



Ao chegar ao quarto,
Princesa se deita
Na caminha d'ouro
E de marfim feita.

O sapo, então, grita:
— «De mim tenhas dó,
Que eu quero contigo
Fazer um 6-6!»

A Princesa, farta
De tanto aturar,
Pega no sapinho
E atira-o ao ar.

Mas eis reservada
Uma surprezinha
A esta marota
Desta Príncezinha.

Pois quando caíu
Ao chão o sapinho,
Ficou transformado
Num Príncipezinho.

Assim passa um ano
E mais um depois
E muito contentes
Casaram os dois!



F I M



Continuação da primeira página — OS CIGANOS

mente, de que êle não saia vitorioso e tu venças igualmente na sua companhia. Agora, que sabes toda a minha história, e vais possuir na tua mão tudo quanto me resta do meu poder real, dá-me a tua palavra de príncipe que não nos atraiçoarás. Pela minha parte dar-te-hei a minha em como perdoarei a teu pai.

O príncipe jurou pela sua honra cumprir tudo fielmente e, tendo ouvido pela voz da cigana um juramento semelhante, retirou-se para o palácio.

No dia seguinte despediu-se da rainha, sua mãe, a quem pediu o substituisse na regência do reino e, não lhe contando nada para a não inquietar, participou-lhe no entanto os seus projectos de viagem no intuito de obter, em países estrangeiros, a cura de seu pai.

Durante todo êsse dia preparou-se para partir e de noite, à hora da véspera, dirigiu-se para a borda do lago, procurando o anel da rainha cigana. Logo o achou porque brilhava de longe como uma brasa a pedra cõr de fogo que o adornava e o príncipe, metendo-o no dedo e despedindo-se novamente de sua mãe, partiu nessa mesma madrugada a cavalo e sòzinho.

CAPITULO III

O PRINCIPE ENCONTRA O REI DOS CIGANOS

Emquanto viajou no seu reino, o príncipe não encontrou ciganos com quem pudesse informar-se sobre o possível paradeiro do rei desaparecido, porque a nenhuns dêsses exilados era permitida a permanência ali, sob pena de morte na fogueira; mas logo que passou a países estranhos, procurou quantos pôde e foi perguntando a uns e a outros onde lhes parecia poder achar-se o seu chete.

Ao vê-lo aproximar, todos os ciganos a princípio desconfiavam por o saberem duma raça diferente, por ventura inimiga, mas bastava mostrar-lhes o príncipe, o anel da rainha, para que todos o tratassem imediatamente com a

maior deferência, mais ainda quando sabiam a missão de que vinha encarregado, que era o maior empenho do povo cigano.

Assim foi falando com nns e com outros bandos dispersos por vários países e finalmente achou alguns que lhe deram indícios de valor sobre o provavel paradeiro do rei.

Parecia a êstes que êle devia estar prisioneiro dum rei cristão numa terra aonde era proibida a entrada aos ciganos sob pena dos maiores castigos, e para lá se dirigiu pois o viajante, guiando-se pelas indicações que lhe deram.

Quando chegon à capital desse país vedado aos ciganos, fez valer a sua qualidade de príncipe e foi ao palácio real apresentar-se ao rei, sendo, por êle muito bem recebido.

A um jantar que êste deu em sua honra, soube, conversando sobre as guerras, que o chefe cigano caíra efectivamente prisioneiro daquelle que o recebia e era tido na conta de adversário perigoso.

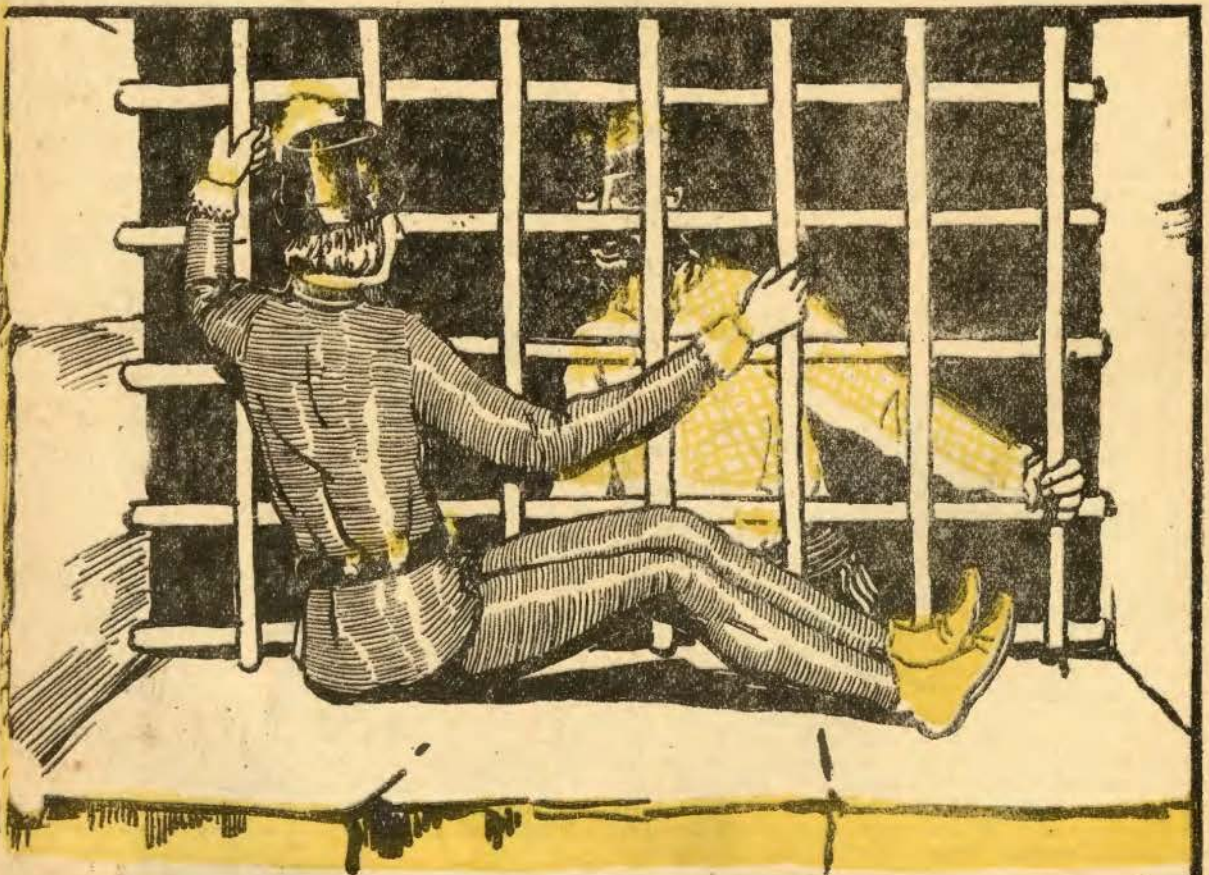
A' noite o viajante saiu do palácio disfarçado e, perguntando a um homem do povo onde ficava a prisão principal da cidade, para lá se encaminhou.

As sentinelas guardavam todas as portas e logo viu que por elas, lhe seria impossível entrar ou comunicar de qualquer modo com o prisioneiro, mas, rodeando o castelo fortaleza, notou, pelo lado das trazeiras, umas janelas com grades de ferro e colocadas tão alto, que nem se davam ao trabalho de as vigiar, tanto mais que, por baixo delas, se abria um fõsso profundo cheio de água.

A noite não estava muito escura e afirmando-se bem, pareceu-lhe enxergar a uma das janelas, o vulto dum homem.

Na esperança de que fosse o chefe cigano, essa imagem indistinta, mostrou cá de baixo o anel, e qual não foi a sua alegria ao ver luzir uma brasa semelhante entre as grades da prisão.

Obedecendo às indicações da rainha cigana, dadas muito em segredo na ocasião da entrega do anel, traçou com êle no ar, três círculos de diferentes tamanhos e viu êstes sinais immediatamente repetidos contra a parede negra da torre pelo braço do prisioneiro.





4.º CAPÍTULO

DESENCANTO DAS CIGANAS

Era noite quando chegaram ao jardim do palácio e quiz o rei cigano ouvir, ainda invisível, as vozes queridas de sua mulher e de sua filha.

Os viajantes aproximaram-se do lago, e tal era a virtude dos aneis, que nem a rainha, nem a princesa presentiram a sua presença, elas, que no seu estado de encanto, adivinhavam tantas coisas passadas cá fóra. Ouviram, então, a doce voz da princesa cantar assim:

— Minha mãe, mãe das ciganas,
Já lá vão tantas semanas
E o príncipe sem voltar!
O' mãe do meu coração,
Dá-me ao príncipe cristão
Quando êle nos libertar. —

Respondeu-lhe a voz da mãe:

Passarão meses e anos...
Mas teu pai, rei dos ciganos,
Há-de nos vir encontrar.
Foge à sua maldição,
Filha do meu coração,
Se um roumi te desposar! —

Em seguida o anel, lançado lá de cima com força, veio cair a seus pés e o príncipe compreendeu logo o que tinha a fazer.

Apanhou a joia, meteu-a no dedo em contacto com a outra e sentiu que todo o poder mágico da raça real dos ciganos era agora seu.

Até onde chegaria êsse poder? A rainha dissera-o quasi sem limites! Iria experimenta-lo subindo à janella da prisão sem auxílio de escada ou duma simples corda.

Fez a tentativa dando um pequeno impulso para cima e, qual não foi o seu pasmo, ao sentir-se elevar no ar sem esforço, apenas pela acção da própria vontade!

Em poucos segundos achava-se a elevadissima altura das janelas gradeadas e sentava-se no rebordo, falando com o rei cigano.

Contou então a êste tudo quanto sucedera à rainha e à princesa, descrevendo-lhe também os infortúnios do seu povo, disperso pelo mundo, em sua procura. Em seguida entregou-lhe os dois aneis para êle os empregar como entendesse.

O rei cigano, depois de lhe testemunhar a sua gratidão, meteu um dos aneis no seu dedo, outro no do seu salvador, pegando-lhe na mão e, antes que houvesse tempo de trocar qualquer palavra, as grades que os separavam desapareceram e ambos desciam à terra sem dificuldade nem perigo de espécie alguma.

O príncipe pediu ao rei cigano que lhe desse a sua palavra em como não faria mais a guerra ao rei cristão que o tinha vencido, pois tendo sido seu hóspede, não queria que por culpa sua, êle sofresse a vingança do seu inimigo agora livre e poderoso com a posse dos dois aneis.

O chefe cigano prometeu respeitá-lo em atenção a quem o libertara e, de mão dada com o seu salvador, tornaram-se ambos invisíveis, graças à virtude mágica das joias, podendo, sem risco algum, sair do país inimigo.

Devido também ao poder dos aneis, adquiriram a faculdade de voar e assim chegaram rapidamente ao país do príncipe, sem auxílio de cavalos nem de carruagens.

O príncipe, ouvindo estas palavras, perguntou ao rei se era verdade êle não querer para a filha um marido cristão, pois havia muito que considerava como a sua maior felicidade, casar com a linda princesa. Resolvera mesmo pedir-lhe a sua mão, tão depressa conseguisse reunir ali toda a illustre familia em condições de regressar à sua pátria reconquistada.

O chefe cigano respondeu-lhe que uma antiga profecia do seu povo anunciava a sua própria ruína, logo que se realisasse um casamento de príncipe ou princesa com pessoa estrangeira e portanto pedia ao seu salvador que renunciasse a essa idéa, decerto igualmente reprovada pelos soberanos cristãos, seus pais. Em troca da sua liberdade, prometia-lhe para aquella mesma noite, a cura completa do pai e estava pronto a mostrar-lhe o seu reconhecimento em qualquer outro serviço que pudesse prestar-lhe no futuro; enquanto ao casamento com a filha, não lhe era possível atendê-lo, tanto mais que já escolhera, havia muito, para genro, um príncipe cigano, seu sobrinho e herdeiro do trono.

Em seguida, o rei desencantou sua mulher e sua filha, que saíram do lago com os ricos trajos da sua nação, todos bordados a ouro e pedrarias, e o príncipe que nunca as vira senão esfarrapadas e pobres quando dançavam e cantavam pelas ruas, ainda ficou mais admirado com a beleza rara da princesa.

Saudou, com todo o respeito, as illustres hóspedes do seu jardim, logo que elas beijaram e abraçaram o rei, e pediu-lhes que entrassem no palácio, aonde os soberanos, seus pais, muito se honrariam em lhes oferecer hospitalidade.

O rei cigano agradeceu êste offerecimento mas não o aceitou, dizendo que, com o auxílio dos dois aneis mágicos na sua mão e na da rainha, poderiam, em poucas horas, transportar-se com a filha à sua distante pátria, onde lhes tardava chegar, para reunir os bandos do seu povo, dispersos pelo mundo em sua procura.

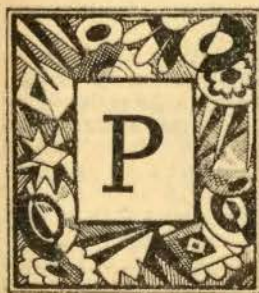
(Continua no próximo número)



A ERMIDA NO MAR

POR LUCILA ROSA

DESENHO DE EDUARDO MALTA



EDRO e Joaquim eram dois pobres pescadores que uma grande amizade unia desde crianças.

Suas famílias haviam sido amigas e vizinhas e, os dois rapazes, bem como os irmãos de ambos, habituaram-se a considerar-se como irmãos. Veio, porém, uma terrível epidemia que, na sua passagem, levou os pequeninos irmãos destes pobres rapazes.

Passaram anos. Morreram-lhes também os pais e Pedro e Joaquim juraram-lhes, à hora da morte, que nunca se separariam e se auxiliariam mutuamente.

Passaram, então, a viver juntos e, desde esse dia, nunca mais se separaram. Tinham dois pequenos barcos que eram o seu ganha-pão.

Partiam logo de manhã para o mar, donde só regressavam à tarde, quasi sempre com os barquinhos carregados com os melhores peixes.

A' chegada, depois de por suas mãos confeccionarem uma ligeira refeição, composta de peixe fresco, abalavam para a cidade, onde então vendiam o peixe que haviam pescado. E assim se passava a sua vida.

Uma noite tiveram—(coisa estranha!)—o mesmo sonho! E, ao despertarem, logo contaram um ao outro o que tinham visto, ficando admirados pelo coincidência dada.

E, mais uma e outra vez tiveram o mesmo sonho. Mas que coisa tão esquisita, dizia Pedro; e se nós tentássemos o que vimos, acudia, imediatamente o Joaquim,—temos viajado tanto de noite!

Consistia no seguinte o sonho que tiveram:—fizeram-se ao mar numa esplêndida noite de luar, e, distraídos, foram-se afastando da costa, até que, lá muito ao longe, avistaram uma luz.

Aquí, era o sonho interrompido por uma voz, que parecia chamá-los, convidá-los a aproximarem-se da luz.

Tantas razões alegaram que, por fim, decidiram-se a partir. E, por uma noite formosíssima de luar, em que o mar parecia da mais pura prata, assim se foram Pedro e Joaquim afastando da costa.

Ao fim de muito remarem,—parecia-lhes estarem já no fim do mundo,—avistaram ao longe uma pequenina luz.

E, quanto mais se aproximavam, mais admirados ficavam com o que viam. Havia no meio do mar, uma ermida cercada por um maravilhoso jardim. As suas paredes eram preciosamente ornamentadas com caprichosos desenhos em safiras e diamantes. Sobre a ermida a luz que os tinha guiado.

Aproximaram-se e logo a mesma voz lhes disse: Procuraí, pelo mar, as fadas Ventura e Felicidade, que devem andar perto a passear. Imediatamente se puzeram os rapazes a remar a toda a força ao encontro duns vultos brancos que avistavam sobre o mar. Daí a pouco encontraram-se com as duas fadas,—lindas como os amores,—ambas loiras, mas duma beleza tão diferente, que era completamente impossível saber qual seria a mais formosa! Vestiam de branco, uns lindos vestidos inteiramente bordados com as mais finas pérolas. Passeavam no seu barquinho feito da mais branca espuma do mar.

Quando, porém, Pedro e Joaquim iam a tocar-lhes, desfizeram-se em espuma, e, ao lado de cada um, surgiu uma formosa princesa.

Então elas falaram assim: somos filhas do mais poderoso Rei do Oriente e, como não quizessemos casar à sua vontade, êle encantou-nos, ao mesmo tempo que fazia construir esta ermida no mar. E' aí, que sempre temos vivido uma vida recatada, e, se não fôsse o milagroso sonho que tivestes, o qual vos permitiu vir desencantar-nos, para sempre aqui viveríamos isoladas, pois só nos era permitido passear e sair da ermida, em noites lindas de luar.

Como prêmio do bem que nos fizestes, casaremos e partiremos para o Oriente, nossa terra natal, onde possuímos os mais belos palácios, longe da corte de nossos pais e reis.

Pedro e Joaquim partiram, então, para o Oriente, acompanhados pelas duas formosas princesas, com quem casaram, e onde ainda hoje vivem, felizes como poucos o teem sido.

BIBLIOTECA «PIM-PAM-PUM!»

JÁ SE
ENCONTRA
À
VENDA
O
VII VOLUME
DESTA
INTERESSAN
TISSIMA
BIBLIO
TECA
INTITU
LADO

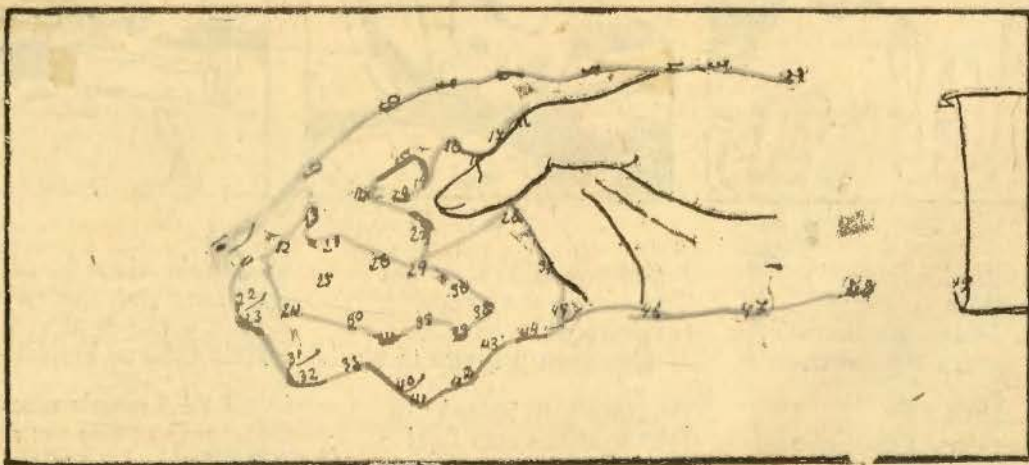


POR
MARIA
LEONOR
LIMA
BRAN
DES
COM
MUITAS
ILUSTRA
ÇÕES
DE
EDUARDO
MALTA

OS MEUS CONTOS

PEDIDOS A NOSSA ADMINISTRAÇÃO

Lição de Desenho



Guardado está o bocado...

Por L. ALCIDES NUNES



Zé Sampaio, em alvoroço,
Disse um dia à sua filha:
— «Arranja para o almoço
Carapaus... moda da ilha.»

Há anos que não manduco
Essa bela petisqueira;
Quero encher bem o trabuco,
Quero apanhar bebedeira.



Numa grande caçarola
Deitas uns cem carapaus;
Vinte rodas de cebola;
Alhos, louros, coloraus.

Vinho branco, vinte litros;
Limões...: — talvez uns duzentos;
Vinagre...: — dez decilitros
E depois cose uns momentos.



— «Esteja o pai descansado
Que tudo se há-de arranjar;
Emquanto eu faço o guisado
Pode ir grilos apanhar.»

.....
Venha daí, ó meu pai,
Que o almoço está na mesa
E se o não come num ai,
Arrefece com certeza.



Entra mestre Zé Sampaio
Para a sala do jantar;
O cheiro faz-lhe um desmaio,
Cai por terra a espernear.

Atraído pelo aroma
Entra na sala um cãozinho
Que era capaz de ir a Roma
Furtar qualquer petisquinho.



Julgando o dono a dormir
Como era uso na caça,
O rafeiro diz a rir:
—«Que bom proveito te faça!»

Bom proveito te fará
Dorminhoco duma figa!
Mas este belo maná
Já não metes na barriga.



Fazendo tais reflexões
E outras mais que eu não esbulho,
Abre o cão os alçapões,
Metete tudo no bandulho.

Mal Zé Sampaio acordou
E o manjar não viu ali,
Novamente desmaiou
E nunca mais veio a si!